

JOSÉ DURO

POESIA COMPLETA



VIDA E OBRA DE UM POETA ESQUECIDO



ALD Produções

Évoratech - Incubadora de Empresas de Base Tecnológica

geral.aldproducoes@outlook.com

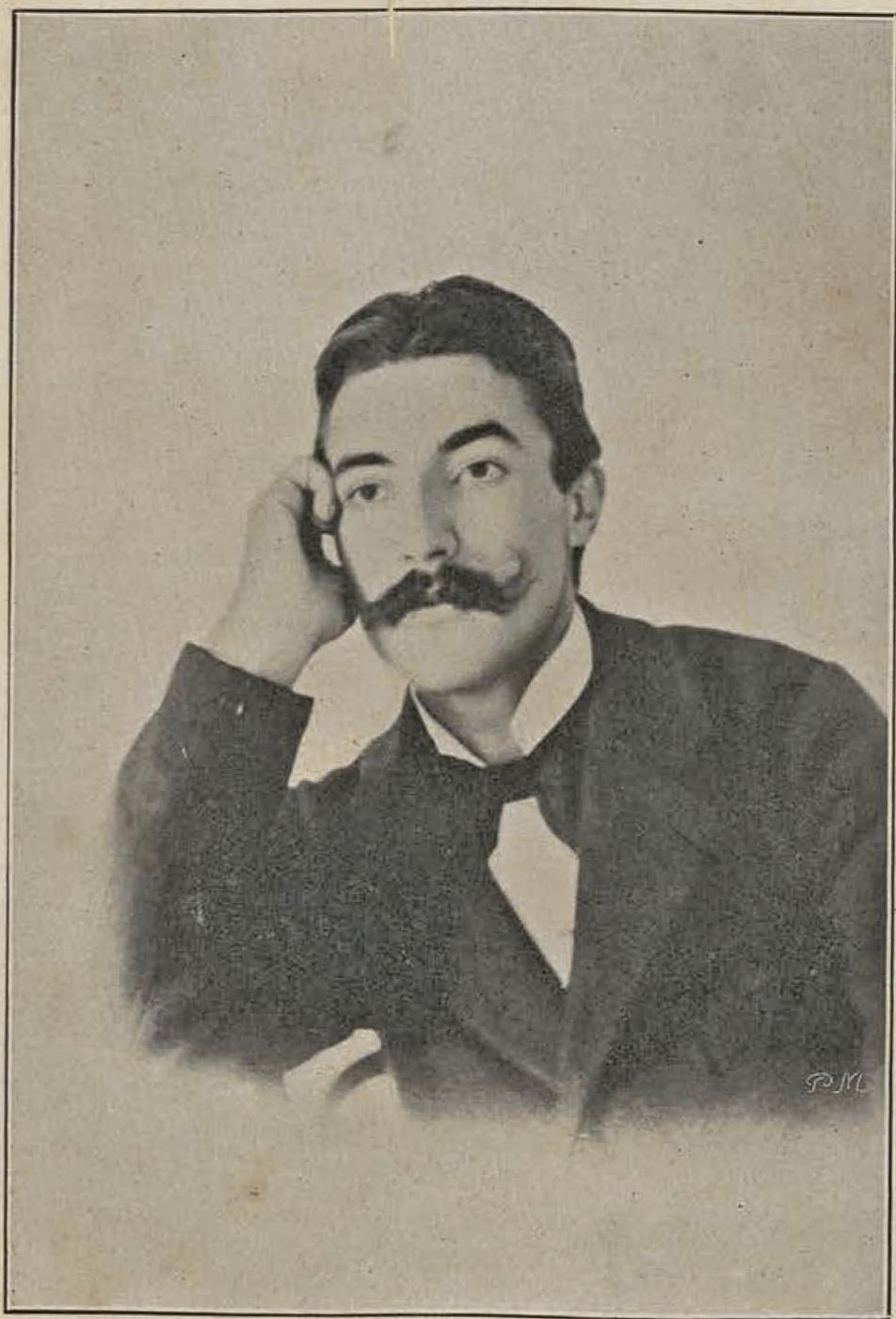
Título "José Duro, Poesia Completa"

Autor: José Duro

Prefácio: Luís Godinho

ISBN 978-989-53491-0-4

Outras obras da mesma editora: "António Arnaut, Biografia",
de Luís Godinho e Ana Luísa Delgado; "O País das Uvas",
de Fialho de Almeida



JOSÉ DURO

A Vida

O Cellero de Portugal

Tante como um frangal de pousada
Fugate pelo vento emmanchado
Munda alma sua, pela hotel perdido,
Na estira de formosa cançada

Ja' meo largo no Mar, e' partes d'Alma
Quando meu ar, mofado, delirado
Da man man sapida que o meu ventido
Murmura a meo archilhetal Dargella

4 Foge of Almas... o encanto que em resumo -
Fabi-se pelo nada e vacua em fumo!
Quanto seguir meu carter no este mado -

Desde entre a munda alma unida sempre!
No horizonte ignorado que e morte sempre -
Linha e ma' como um misto other!

José Duro

José Duro, íntimo trágico

É Irene Lisboa, escritora, professora e pedagoga, que se questiona sobre a razão da «frieza» que perseguiu José Duro, tanto por contemporâneos como por quem se lhe seguiu. Não consta que os seus versos fossem «recitados nem homenageados nas revistas literárias», nem as suas «particularidades líricas» especialmente apreciadas, apesar da sua obra ter ido «irrompendo por aqui e por ali», através de reedições de «Fel», ainda que raras, ou de artigos de jornal, mesmo que muito espaçados no tempo. Dever-se-á isso a uma alegada «pouca originalidade e inspiração» de José Duro? Ou decorrerá da circunstância de o terem tentado «diminuir» com «a sombra de [Charles] Baudelaire»? Julgo que a explicação será mais simples e está relacionada com a tragédia pessoal do escritor: a sua obra maior, «Fel», foi publicada em 1898, quando já se encontrava gravemente doente... morreria poucos dias depois. De resto, a sua passagem por Lisboa foi fugaz, cerca de cinco anos. Se acrescentarmos o seu pessimismo mórbido, presente em cada verso de «Fel», talvez se encontre a explicação para que a sua poesia não fosse um «passatempo» interessante para os salões da burguesia lisboeta de novecentos, ou para comentário nas tertúlias de café.

No texto que publicou em «Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX: (De Silvestre Pinheiro Ferreira a José Duro)», coordenado por João Gaspar Simões (Ática, 1947), Irene Lisboa parece ir ao encontro desta inconformidade entre a poesia de José Duro e o que dela espe-

rariam os seus primeiros leitores: «Provável é que Duro, sofrendo as influências do tempo, de fuga e combate ao romantismo deliquescente, palavroso e mavioso, de temas gastos e quase supérfluos, caísse nos abismos do satanismo e pessimismo, irradiantes de Baudelaire». E prossegue: «Baudelaire estava, realmente, sendo aceite e seguido pelos inconformistas portugueses, que o refletiam como melhor podiam. Poderá dizer-se que a poesia portuguesa do nosso último fim de século opõe uma espécie de resistência baudelaيرية, arrogante e cortante, quase sadia e nítida, à poesia de banalidades sonoras que ainda grassavam nas letras pátrias».

A voz de José Duro, muitas vezes incompreendida, surge assim como a de um «pessimista, desencantado e pretensamente cáustico», que «boquejava negros e castigados quadros da existência» humana. «Intimamente era um trágico e, por educação e atitude, um impotente blasfemo», prossegue Irene Lisboa, assinalando que, tal como Cesário Verde ou António Nobre, conseguiu também eles «esquivar-se» às regras específicas do romantismo: «Fugiram como puderam a um certo lirismo convencional, ainda estimado, e também à declamação enfática dos sentimentos». Em resumo, «renegaram velhos pendores poéticos pelo cunho de ardente sensibilidade que punham nos seus versos e pelas suas novas preocupações ou visões do mundo» (op. cit.).

Sendo assim, perguntar-se-á, porque razão, apesar de tudo, Cesário e Nobre conseguiram uma projeção literária e pessoal nunca alcançada por José Duro?

Autora de uma tese intitulada «O Poeta José Duro», apresentada aquando da sua licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1937, Maria dos Remédios Gonçalves Monteiro indica-nos uma possibilidade de resposta. Citando diversos exemplos, entre os quais o de Costa Alegre - «Tristeza e febre./ A Morte que antevejo não me aterra.../ Mas, ai! Morrer sem que me cubra a terra/ Da terra onde eu nasci!» - ou do próprio António Nobre, o «poeta melancólico que se admira ostensivamente a si próprio», resignado ao antever a morte - «Não vale a pena um grande poeta ser/ Não vale a pena ser rei nem soldado/ E venha a Morte, quando Deus quiser!» -, a autora regista que «a poesia dos tuberculosos é feliz, ou porque eles ignoram o mal ou porque se conformam com ele».

Já José Duro, muito diferente de todos os outros, «sente, e mesmo na imitação se personaliza, fere o longo voo das suas asas de noite e de dor e consegue ser ele só, intensamente desgraçado e sofredor; mas duma dor

varonil, dum desespero másculo e forte como o bramir da tempestade; dor imensa que enche o universo e ultraja Deus». Não, decididamente, a sua poesia não poderia servir de recreação nos salões burgueses, não tendo igualmente espaço nas revistas ou nas tertúlias literárias. Por isso, tantas vezes, se considera José Duro como um poeta esquecido, ainda que 120 anos passados sobre a data da sua morte, a sua poesia continue a ser única, incómoda e perturbadora.

2. «Parece que nasci só para ver»

Foi o padre António Manuel Mendes quem, a 24 de outubro de 1875, batizou na Sé de Portalegre um rapaz, «exposto no hospício deste concelho» às 10h00 da manhã desse mesmo dia, a quem deu o nome de José António. Registado como «filho de pais incógnitos», teve como padrinhos José Maria Cardoso, ferrador, e a sua irmã, Maria José, ambos solteiros, e ambos residentes na Rua da Capela, em Portalegre.

A criança foi deixada no hospício vestido com «uma camisa de paninho com pontilha no talho, fralda de paninho, cueiro de baeta de seda branca, uma turca de chita branca com riscas encarnadas, um lenço quadrado branco com a cercadura roxa, tudo bom, excetuando o lenço que é roto», escreveu a regente da unidade de saúde, Maria do Nascimento Mora, segundo assento transcrito pelo historiador António Ventura em «José Duro - Textos Dispersos» [Colibri, 1999]. Batizado o rapaz, seria confiado à guarda de uma ama externa, Maria Custódia, casada com João Vitorino de Bragança, e residentes na zona da Fonte da Devesa, naquela que foi a primeira casa de José Duro e de onde sairia em abril do ano seguinte, depois de reconhecido pela sua mãe.

Na escritura de reconhecimento, transcrita pelo mesmo autor a partir do «Livro de Notas do Tabelião Caetano Silvestre de Almeida», depositado no Arquivo Distrital de Portalegre, Maria d'Assunção Cardoso revela que o rapaz havia nascido a 22 de outubro, sendo filho dela, «no seu estado de solteira», e de «um homem cujo nome não indica, porém com o qual não tem parentesco nem outro impedimento derimente». Acrescenta o texto que, «movida de amor maternal», Maria d'Assunção Cardoso «quer perfilhar o dito José António», cujos padrinhos eram, afinal, também seus tios, e que o perfilha «por sua espontânea vontade, para que como seu herdeiro poder, como se legítimo fosse por matrimónio, gozar de todas as honras, direitos e prerrogativas como filho legítimo». Resolvida a questão relativa à identidade da mãe, a do pai era um segre-

do mal guardado, que ajuda a explicar a decisão inicial da mulher de entregar o filho para adoção. Trabalhadora numa fábrica de lanifícios de Portalegre, Maria d'Assunção havia engravidado de José António Duro, «personalidade conceituada da vida social e económica de Portalegre», segundo a expressão de António Ventura, empresário que chegou a ser administrador da Companhia da Fábrica de Lanifícios de Portalegre, criada em 1889, e que anos antes foi um dos subscritores de uma «representação» dirigida à Câmara dos Deputados contra a criação de um novo imposto. O homem ter-se-á recusado a assumir a paternidade do filho, como, aliás, era usual à época, e a mãe, solteira e com poucos recursos económicos, começou por abandoná-lo, arrependendo-se depois dessa decisão.

«Aqui na cidade natal passou a sua meninice, brincando na estrada em frente à fábrica pequena, frequentando a escola primária paroquial onde aprendeu as primeiras letras», registou Luís Alves de Sousa Gomes, seu contemporâneo, e que foi administrador do concelho de Portalegre entre 1908 e 1912, num artigo publicado em 1932 em «A Voz Portalegrense». À primária segue-se o liceu. Em junho de 1885, ainda não tinha completado 10 anos, é aprovado no exame de admissão, passando a frequentar o então Liceu Nacional de Portalegre. Conta António Ventura, na obra citada, que «uma reprovação na disciplina de Matemática do 6.º ano do Liceu impediu-o de se matricular na Escola do Exército», optando pela Escola Politécnica, primeiro (1889) no Porto, depois em Lisboa, «onde frequentou aulas de Desenho, Matemática e Física». Acaba por regressar a Portalegre, «mal sucedido nos estudos», mas com a descoberta da vocação literária. As suas primeiras publicações na imprensa regional datam de 1893. Assina como J. A. Duro Junior. Restam-lhe cinco anos de vida.

Nesses primeiros textos, muitos deles acompanhados por uma dedicatória, uma delas à sua irmã Maria d'Assunção Duro, há um sentimento bucólico, de observação e deslumbre perante a natureza - «aqui e ali, pequenos tapetes maravilhosamente matisados com as florinhas singelas do campo (...) dão no todo um magnífico jardim onde a natureza, sublimemente extasiada, depôs a sua harmónica simplicidade» - e com claras influências românticas: «Helena, a donzelinha loira daqueles sítios como lhe chamavam todos, que a conheceram e amaram, possuía então um desses corações, cujas expansões bastariam para inspirar um estro apaixonado dos vãos sons que a lira produz, quando desferida pelos encantos da infância».

Publicados entre 1893 e 1897, sobretudo no «Diário de Elvas, Comércio

do Alentejo e o Campeão de Portalegre», são textos em prosa poética e poemas que nos mostram um José Duro ainda distante do «poeta da morte», embora esta não deixe de estar presente: «Outrora era feliz; hoje que sou?/ Um pobre foragido que bebe gota a gota, no cálix da amargura, as recordações do passado./ Porque a minha amada morreu!/ A mulher dos meus sonhos voou aos céus!/ E assim a minha noiva será a Saudade; a minha esperança será a Morte!». A morte torna-se até mais recorrente nos últimos textos, como por exemplo no poema «Blasfémia», dado à estampa no semanário lisboeta «Branco e Negro», em outubro de 1897: «Maldita seja a Vida que a ventura/ Não vale a pena, ó Deus, tão grande esforço/ Se um Céu nos fulge além da sepultura».

Foi precisamente nesse ano, 1897, que assentou praça no Regimento de Infantaria de Portalegre, sendo depois transferido, a seu pedido, para Lisboa, onde em outubro requer a readmissão na Escola Politécnica. Cinco anos mais novo, o escritor e político Gustavo Matos de Sequeira acompanhou-o nesse período: «Aparecia no seu andar pausado, o capindó à banda, o barrete acachapado posto um pouco à banda, e os bigodes castanhos, farfalhudos, caracterizando-lhe o rosto macilento onde o nariz arqueava».

É também nesse ano, a 08 e 15 de agosto de 1897, e igualmente no «Branco e Negro», que José Duro publica «A Morte e Coveiro», dois sonetos nos quais se define enquanto poeta. «- Gémea da Treva, irmã da escuridão/ Vago desde o princípio... sou a Morte.../ Mas ainda não te quero ainda. - E abandonou-me!», escreve no primeiro. «Entro no cemitério a horas doloridas.../ E à indecisa luz das claridades frouxa/ Arrasto o meu olhar pelas gangrenas roxas/ Dum corpo de Mulher a desfazer-se em vidas», sublinha no segundo. Não por acaso, «Coveiro» será incluído, com uma pequena revisão, no livro «Fel», que publicará no ano seguinte. Mas antes, algumas linhas sobre o seu primeiro livro.

3. «Qual é de vós, dizei, os meus amores»

Impresso na tipografia de Fragoso e Leonardo, em Portalegre, e publicado pela primeira vez em março de 1896, «Flores» é um pequeno livro, apelidado por José Duro como «consagro de alma», e por ele dedicado às irmãs. A obra, de 28 páginas, custa 150 réis. O autor tem 20 anos. Trata-se de um conjunto de 13 poemas, entre o registo bucólico (tão presente nas suas colaborações com a imprensa) e a introspeção por vezes amargurada, completados por um *post scriptum* sobre a morte: - «Quan-

do eu for um montão de vermes sobre loisa,/ Essa alcova fatal onde a Vida repouisa».

A partir das cores e dos aromas das flores - «Diversas flores, de diversas cores:/ Qual é de vós, dizei, os meus amores» -, José Duro observa a natureza - «No tremular de cores da asa vaporosa,/ Borboleta que passa, vem beijar a rosa» -, retrata aspetos da sociedade rural oitocentista - «No pequeno adro da Capela/ Aos domingos, de manhã cedo,/ Amor-perfeito na lapela» - e evoca memórias de infância: «Foi o que me ensinou o coração velhinho/ Da minha Avó, em tempos bons que já lá vão».

Mais do que o sofrimento e o desespero perante o espectro da morte, que serão as marcas mais identificáveis da sua obra, em «Flores» há uma frescura de juventude, uma entrega à vida e às possibilidades que ela oferece - «Foi-se a meia noite agora adormecer.../ Entretanto o Amor oscula-nos as frentes» -, num livro por onde perpassam as suas vivências na cidade de Portalegre, que ainda habitava, e o seu encanto pelas raparigas da terra.

Num poema sobre as «viagens errantes» dos rapazes pelos campos, a desfolhar papoilas e em busca de grilos, surgem o Andorinha e o Zé Talocas, «personagens boémios», segundo o próprio José Duro, dos tempos da sua infância: - «Não faças bulha, ó Andorinha, ó Zé Talocas/ Que nos podem ouvir que nos ouvem mexer». O «alecrim bento a arder» remete para um costume ancestral da cidade, que levava a população a proteger-se das trovoadas queimando alecrim no Domingo de Ramos. Já Amaia - grafada originalmente como «Amaya» - era o «primitivo nome» de Portalegre: «Enlevo das mulheres/ D’Amaia, a minha Terra mãe natal!».

Sendo escassas as fontes documentais, e praticamente inexistentes os estudos biográficos, não nos é possível saber se terá havido, como é comum, algum amor não correspondido na fase de adolescência. Mas se dermos como válido que a obra de José Duro plasma algumas das suas vivências, aí o temos perdido de amores por uma tal Amélia, «meigamente reclinada no peitoril da janela», evocada num artigo publicado dois anos antes no «Diário de Elvas».

Em «Flores» vê-mo-lo rendido às raparigas da sua terra, como na passagem onde evoca uma antiga tradição juvenil que consistia em desfolhar um mal-me-quer na esperança de que a flor confirmasse a existência de um amor correspondido: «Tende cuidado, corações ardentes/ Raparigas d’Amaia, descendentes,/ Não vos fieis tanto dos mal-me-queres,/ Folhas a desfolhar em tardes quentes». Ou nesta outra, talvez ainda

mais explícita: «No pequenino seio a rescender,/ Que para mim só teve igual/ No seio casto, divinal,/ Da minha Amada, do meu Bem Querer!». Referir-se-ia à tal Amélia, «a minha amada», assim referida no artigo do «Diário de Elvas», que lhe suspirava frases de amor «repassadas da mais casta magia»? Não o sabemos, claro. Muito apropriadamente intitulado Primeiro Amor, o texto fala-nos de um homem «só e triste» cujo olhar, num dia «loução de primavera», se fundiu com o de Amélia, acendendo nele «a límpida chama do santo afeto». Rapariga de «alvas faces» e «grácil sorriso de virgem» nos «carmíneos lábios», é-nos descrita pelo autor como uma «princesa do Oriente que, cansada de tantos sonhos e inebriada pelos perfumes da magnólia, surgira cheia de graças na escabrosa senda da minha existência, como que a purificá-la».

Do namoro à janela, onde a «horas mortas do silêncio» as almas dos dois apaixonados, «sedentas d’amor», respiravam «uma heróica embriaguez», José Duro recorda o «acentuado rubor» das faces de Amélia, consumado o primeiro beijo: «E eu, aspirando o seu hálito, bebendo a doçura do seu olhar, enlevado na poesia da sua voz, cinjo-a brandamente e, colados nos seus os meus lábios, damos à viração o eco dum beijo!». Não é possível saber se esta Amélia é a mesma que refere num texto de dezembro de 1893, publicado no início do ano seguinte no mesmo Diário de Elvas: “A mulher dos meus sonhos voou aos céus! E assim a minha noiva será a Saudade; a minha esperança será a Morte”.

Tratando-se de um texto publicado na imprensa, e tendo de facto ocorrido os episódios que descreve, o mais provável é que Amélia fosse um pseudónimo utilizado para esconder a verdadeira identidade da rapariga. Na verdade, não se vê como é que alguém ousaria publicar uma descrição tão pormenorizada de um primeiro amor, pondo em causa a virtude da rapariga numa sociedade tão profundamente conservadora como era a do interior alentejano nos finais do século XIX. Seja por esta necessidade de discrição, porque o enlevo ficou pelo caminho, ou porque a tal primeira namorada morreu, em «Flores» não surge nenhuma Amélia, nem nenhuma outra mulher identificada pelo nome. Mas lá estão as «raparigas d’Amaia, d’olhar de gazela», onde a alma do autor, «pobre dela», se fechou em «degredo».

A generalidade dos poemas convida a uma leitura simbólica sobre o significado correntemente atribuído às flores. Temos, por exemplo, as violetas, que os romanos ofereciam durante o culto aos mortos celebrado a 21 de fevereiro e que, aqui, hão de acompanhar o autor quando «Meu corpo for lançado à vala/ E a minha alma subir por esses Céus, subir».

Ou a queima do alecrim, do rosmaninho e da alcachofra nas fogueiras de junho, em particular pelo São João, herança das festas pagãs que assinalam o solstício de verão. Ao fazer a evocação das «Alcachofras queimadas à luz da candeia», José Duro lembra o momento, não por acaso por volta da meia-noite, hora de transição, quando era uso os namorados queimarem uma alcachofra, depois colocada num vaso. Se renascesse, o amor era para durar.

A publicação do livro não escapou à atenção da imprensa local. «Vê-se que o moço poeta tem asas, mas que não tem ainda firmeza para levantar o voo; logo que a adquira (inspiração não lhe falta, nem o fogo sagrado da alma) há de librar-se, estamos certos, às altas regiões poéticas, que por enquanto tacteia», refere um artigo publicada em «A Plebe», desculpando algumas falhas na métrica dos poemas com o ritmo sempre «suave e harmónico» de um «poeta da natureza», inspirado nas flores e na paisagem. Segundo o texto, pese embora o livro comprove, «aqui e ali», que José Duro «não desconhece o nefelibatismo, aberração desvairada da poesia», o autor não tem motivos para se preocupar se conseguir ser tão natural na descrição como no sentimento. E alguns poemas, acrescenta, são «deveras bonitos». Como o inspirado nos mal-me-queres, já aqui referido: «A gente está a ver neste quadrozinho, tão brilhante e colorido, as donzelas cândidas, lendo na misteriosa linguagem das margaridas, que douram as searas, os segredos dos seus amores puríssimos, pedindo às flores numa ânsia de coração, a constância dos seus namorados».

No mês seguinte seria a vez de «O Distrito de Portalegre» noticiar a edição do livro, num artigo que, embora termine com palavras simpáticas para o autor - «(...) as primeiras armas foram brilhantes. O futuro anuncia-se glorioso» -, não deixa de o descrever como um «poeta novo, um pouco anarquista», dotado de um «espírito observador» que haveria de encontrar «inexauríveis assuntos para expandir [a] sua alma meiga e sensível». E conclui: «Não são versos, é uma melodia. Devem ter-lhe saído do coração como um suspiro, e a mão foi-os traçando com a mesma rapidez com que lhe saíam da alma».

4. «Fel»

«Serás poeta e desgraçado», escreve Vergílio Ferreira na «Colóquio Letras» (Fundação Gulbenkian, 1993), num ensaio onde vinca a dissonância entre autores como António Nobre, em cuja «Carta a Manuel» «é gran-

diosa a força com que luta sem um desânimo contra a trágica doença que o venceu», e José Duro, incapaz de um «autodomínio», de uma «integração na vida». Acrescenta Vergílio Ferreira que «não há cadáveres em Nobre, mas há, quando muito, apenas mortos e esses mesmos envolvido na vida, nessa implicação da vida/morte para que da vida se não se saia». A vida da qual José Duro se despede em «Fel».

Se em António Nobre, resume Albino Forjaz de Sampaio, «há resignação», se Cesário Verde se julga «julga forte e proclama-o», em José Duro encontramos «apenas fel, dores, desilusões». O livro é publicado em finais de 1898. José Duro morre três semanas depois, a 18 de janeiro de 1890, vítima de tuberculose. Tinha 23 anos.

«Não conheço exemplo de maior infortúnio», escreverá anos depois o escritor e jornalista Francisco Mayer Garção («Os Esquecidos», in *A Peninsular*, 1924), num texto onde descreve o sofrimento de José Duro nas últimas semanas de vida. «Encontrei-me com José Duro na cervejaria do Gelo. Não esquecerei nunca a febre que reluzia nos olhos daquele rapaz, em cujas faces se descortinavam já os estigmas da morte próxima. Sentámo-nos a uma mesa e, com voz rouca, durante longo tempo, eu ouvi a leitura do seu manuscrito, entoada com estranha paixão. Os criados perpassavam, servindo fregueses, àquela hora ainda raros, e, a essa mesa banal de café, eu assistia ao desenrolar das imagens, escutava a música dos ritmos, via desfilar as visões daquele espírito amargurado». Mayer Garção regista a «rapidez terrível, aflitiva» da leitura de José Duro. «Dir-se-ia que esse rapaz, tão novo, receava não ter vida para chegar ao fim, e por isso traduzia, a correr, a marcha final dos seus sonhos, na galopada frenética das suas palavras». No dia seguinte, dirigiram-se os dois à tipografia Libânio da Silva. «Foi a última vez que o vi». Publicado o livro, não deixa de registar a «frieza» (assim a definiu, como já referimos, Irene Lisboa) com que ele foi recebido: «O seu livro era a sua estreia, e ele morreu com a desoladora impressão de que ninguém o lera ou apreciara. Eu próprio, por circunstâncias alheias à minha vontade, não pude em vida do autor de «Fel» escrever o que pensava do seu livro, que na realidade só me fora dado apreciar devidamente quando publicado, porque da leitura que dele me fizera José Duro apenas me restava a impressão duma vertigem».

Escritor e bibliófilo, Albino Forjaz de Sampaio, estava a iniciar a sua carreira no jornal «A Lucta», aquando da morte prematura de José Duro. Anos mais tarde, num prefácio para a terceira edição de «Fel» [Editora Guimarães & C.^a, 1923], não fugiria do relato de Francisco Mayer Garção, assinalando que o livro, aquando da sua publicação, não foi «notado»,

pois «os decretalistas e imperantes da crítica, olhando a brochura onde o soturno verso de Dante parece guardar a entrada, enjeitaram-no». E, ainda assim, 16 anos depois, «a musa do poeta favorito da Morte essa ainda vive, eterna, soberana”.

Prosegue Albino Forjaz de Sampaio: «Dias depois do livro publicado o poeta morreu. Desconhecido, ninguém o acompanhou. Apenas um grupo de condiscípulos mandou rezar uma missa pela paz e descanso eterno de sua alma». Na verdade, a morte do poeta passou praticamente despercebida na imprensa da época. O único obituário publicado foi no jornal «O Século»: «Faleceu ontem [18 de janeiro de 1899] este desditoso rapaz que era aluno da Escola Politécnica e que ainda há poucos dias tinha lançado no mercado uma plaquete [pequeno livro] de versos com o título de «Fel». Sucumbiu a uma tuberculose».

No dia seguinte, o mesmo jornal relata a forma como decorreu o funeral, no qual as escolas de Lisboa se fizeram representar, incluindo, naturalmente, alguns colegas de José Duro na Escola Politécnica: «No cemitério oriental [Alto de São João], foi ontem sepultado pelas dez horas da manhã, o malgrado moço e distinto poeta, 1.º cabo de Caçadores 2 da Rainha e aluno da escola Politécnica, José Duro, autor do livro de versos Fel. - O cadáver foi conduzido em uma carreta, não sendo o cortejo tão numeroso como era de esperar devido àquela hora estarem funcionando as aulas».

«Era um poeta que ia a enterrar por aquela manhã de inverno, quando as árvores se desfolhavam e o nosso coração estremecia de dor unicamente», lembrará anos mais tarde Santos Tavares [«Dia», 18 de janeiro de 1905], num artigo onde conta ter estado com José Duro a rever algumas provas do livro, poucos dias antes da sua publicação: «Vejo-o ainda num recanto da *brasserie* [café] olhando a grotesta comédia da rua. Aquele último dia de revisão de provas, em que fugia de desvendar o manuscrito, tendo-o apenas mostrado numa efémera hora, rara de expansão, a um íntimo. Falacíamos e despedimo-nos (...) E nunca mais voltou».

Apelidando-o de «poeta do sentimento tornado bolor, da mágoa feita em fel, da esperança vivida em pavor, da súplica ardendo de raiva, da flor venenosa, do beijo impuro; poeta da catástrofe, da paixão desgraçada, da nostalgia-desespero», Santos Tavares não deixa de anotar que todo o livro, em particular o poema que o encerra, «Doente», foi escrito numa altura em que José Duro não combatia apenas a tuberculose, mas já «previa» a sua própria morte.

Talvez por isso, Albino Forjaz de Sampaio não tem dúvida ao sublinhar

que «a musa de José Duro é trágica e inexorável. Não devaneia, analisa. Não sonha, disseca. A doença abriu a sua alma em versos como um sombrio cato. O rouquejar da tosse, como um vento mau, secou-lhe as últimas ilusões. E nunca se viu um poeta que com tanta crueldade se olhasse para fazer da sua dor um poema». Trata-se, pois, «de um livro enorme, espantoso, onde a dor é um oceano e cachoa e impreca, rugindo imponente».

É um livro assumidamente autobiográfico - «Escrevo e choro; dói-me a alma; tenho febre/ Não sei a quantos graus - calor insuportável!/ - Moderno Lázaro - ó que vida miserável/ Eu vivo aqui, doente e só, no meu casebre» -, no qual o poeta se debate com a perspectiva da sua morte, iminente, com a incerteza sobre a sua valia literária - «Eu sinto-me banal ao pé dos mais poetas,/ E, achando-me incapaz, deixo de trabalhar...», e com um olhar imane do que fora a sua vida, abandonado pela mãe à nascença, não reconhecido pelo pai, e onde apenas a avó parece surgir como fonte de amor: «Pede, pede ao Coveiro que me enterre/ Na cova mais humilde, ó minha Avó!». É um homem resignado, descrente - «Não creio que haja alguém que possa amar-me, enfim

E Deus, se Deus existe, odeia-me decerto» - que evoca as suas grandes referências literárias, Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire, - e que não tem dúvidas sobre o final da sua história: «E oiço a Morte bater, sinistra, à minha porta».

Em 1931, José Régio publica num jornal regional, o Alto Alentejo, um texto sobre José Duro, o poeta que em vida se encontra «cara a cara com a doença e a dor, sem quimeras nem amparos. Sonhos, teve-os. Sonhou o amor como todos os moços, e a glória como todos os poetas, Mas a consciência de possuir “uma alma de poeta e um pouco de talento” – só pode ser maior desgraça a quem vê a vida fugir-lhe sem lhe deixar tempo a realizar uma obra».

Em «Fel», acrescenta José Régio, «há desigualdades e hesitações, como em quase todos os primeiros livros de versos. Mas por nele, apesar dessas desigualdades, aliás fecundas, José Duro nos saber comunicar as suas visões e os seus sonhos, os seus delírios e as suas angústias; por no-las saber comunicar sem truques e sem astúcias, com uma espontaneidade, um capricho, uma vibração e uma ousadia que lhe marcam um lugar bem seu neste onde país onde – Deus louvado! – os poetas superabundam – é que a fama do seu nome desmentirá a brevidade da sua vida».

Na sua tese, Maria dos Remédios Gonçalves Monteiro considera que os versos «mais representativos» da obra de José Duro são aqueles «que

mais comprovam a virulência da sua dor atroz, os que o poeta escreve no último período da sua vida». Os versos que incorporam o poema «Doente», no qual o mundo se lhe apresenta «desprovido de toda a beleza, pleno de maldade e de po-dridão». Aquele em que «nutre um ódio extremo por esse mundo legado a uma maldição tão infamante que nunca poderá ser redimida». Naquele livro «brutal» está ali «o retrato da sua alma». Assinala a autora: «José Duro não mente. Não finge (...). Que o odeiem ou adorem-no, que lhe importa? Esse livro é a sua alma». Dito de outra forma: « O poeta que sofreu a influência de Baudelaire tem poesias de uma crueldade atroz, mais repelentes que as do poeta francês, por vezes; mas puras; mas sentidas. Não cheias de maldade; apenas de cruel sofrimento».

Maria dos Remédios Gonçalves Monteiro anota a «obsessão» da palavra «verme». Não é a única. A palavra «mágoa», por exemplo, é referida bastantes mais vezes, e «morte» surge, ao longo do livro, pelo menos em 13 ocasiões.

«É o verdadeiro poeta fúnebre», sublinha Irene Lisboa, «o cantor da morte, e dela dificilmente se desvia». Um autor que «não possui a maleabilidade, a capacidade de belas orquestrações sentimentais e imagéticas». Por isso, acrescenta, «[António] Nobre ainda hoje nos sensibiliza com a sua fina amabilidade mental; a sua dor é cultivada e cariciosa, desdobra-se mercê de fáceis e naturais dons artísticos (...) Cesário Verde, na sua bela fase realística ou objetiva, mantém, a despeito de tudo, da crítica e da exegese do seu lirismo revolucionário, um forte poder de dramatização», enquanto José Duro se revela uma «amargo deplorativo das dores da existência, um inconformista declarado». Mas como poderia não o ter sido?

Na revista «Terra Nossa», Teófilo Júnior diz ter tido acesso a papéis, ainda que «poucos e fragmentários», de José Duro, depois da morte deste. A confiarmos no autor, são «papéis» que demonstram a existência de planos para a publicação de outros livros, intitulados «O Livro de Madalena» e «O Livro de João». À exceção de versos dispersos e do poema «Bucólica», publicado em setembro de 1916 na revista «Terra Nossa», são obras que permanecem inéditas.

Luís Godinho, dezembro de 2021

FLORES

1896

A MINHAS IRMÃS

JOSÉ DURO

FLÖRES

Diversas flores, de diversas cores :
Qual é de vós, dizei, os meus amores ?

2.ª EDIÇÃO



Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA — 1931

A quando a Primavera acorda em fins de março,
E se ergue a suavizar as paisagens hibernais,
É qual beijo de luz que fosse cair esparso
Num ciclorama enorme exposto aos vendavais.

Abril à porta, abril a rir.
Às carícias do sol que assoma
Cada sorriso é um aroma,
Cada beijo uma flor a abrir;
Cada murmúrio um canto d'ave
E cada anseio a nota mística e suave
Que ao rouxinol é dado apenas traduzir

Saudades d'amor - Harmonia sincera!
Saudades de quem, ó Céu? não sei dizê-lo...
Mas, em verdade, saudades, força é crê-lo:
Também as tem, também as sente a Primavera...
A quando acorda meigamente em fins de março,
E se ergue a suavizar as paisagens hibernais,
Como um beijo de luz que fosse cair esparso
Num ciclorama enorme exposto aos vendavais!

Livro dos campos, livro dos prados, livro dos brejos,
Bíblia original, inspiração da Flora,
Que anda pelos jardins logo ao romper da Aurora
A semear beijos e beijos,
Não contando os castos desejos
Das lágrimas suaves que sorrindo chora...
Quando vai pelo ar a música dos brejos
E morrem na quebrada as vibrações da Aurora...

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Ó nenúfares, miosótis, açucenas,
Madressilvas, queimadas, tílias e verbenas
A rescender, a exalar perfumes gratos...
Anémonas, camélias, dalias, sensitivas,
Ó balsamina, resedá, sanguíneos catos,
Margaridas, jasmins, orquídeas, sempre vivas,
A rescender, a exalar perfumes gratos...

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Ó rosas desmaiadas,
Rosas de maio, rosas de tocar,
Ó rosas do rei negro, aveludadas,
Abrindo à flava luz das madrugadas
As corolas em gérmen - corações a arfar...

No tremular de cores da asa vaporosa,
Borboleta que passa, vem beijar a rosa.

E aos murmúrios da brisa que corre, anelante
A subtil feiticeira deixa a sua amante

A chorar a chorar, suavíssimos perfumes
- Pensamentos d'amor, a traduzir ciúmes...

Borboleta que passa diz adeus à rosa,
No tremular de cores da asa vaporosa...

E aos murmúrios da brisa, que desliza meiga,
Lá vai adormecer nas frescuras da veiga...

Deixando a rosa a soluçar, a soluçar,
Com pena de não ter asas para voar... voar!...

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Ó alecrim bento a arder, que santa devoção!
Quando há trovões, levai-os longe à solidão...
(Lá aonde não houver nem pão nem vinho,
Nem a sagrada flor do rosmaninho,
Nem o meigo pulsar de moço coração...)
Foi o que me ensinou o coração velhinho
Da minha Avó, em tempos bons que já lá vão...

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Ó flor da laranjeira, ó alva flor dos noivos,
A dar perfume nos talhões das hortas!
Ó não-me-deixes, artemisia, cravos, goivos
A dar perfume nos jardins das hortas...

Ó saudade, a chorar, que lágrimas acerbas
Nas sepulturas negras, a horas mortas...
Perpétuas, a chorar, que lágrimas acerbas
As pé das cruzes negras, a horas mortas ...

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Ó lindos mal-me-queres
Dos prados viridentes:
Enlevo das mulheres
D’Amaia, a minha Terra mãe natal!
Folhas a desfolhar em tardes quentes,
Quer-me bem... quer-me mal...
Quer-me bem... quer-me mal...
Tende cuidado, corações ardentes
Raparigas d’Amaia, descendentes,
Não vos fieis tanto dos mal-me-queres,
Folhas a desfolhar em tardes quentes.

Ó bonina do vale, irmã da cotovia,
Uma, é a graça, outra, é a melodia.

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Papoilas em botão, prestes a abrir, vivazes,
 Papoilas escarlates, na corola, um frade...
 Pois quem não ha de, ó Alegria, quem não ha de
 Rir do que dizem, desfolhando-as, os rapazes
 Quando vagam, errantes, em busca de grilos
 Campos em flora, almas alegres como trilos.
 «Não faças bulha, ó Andorinha, ó Zé Talocas,
 Que nos podem ouvir, que nos ouvem mexer».
 E os grilos emudecem, transidos nas tocas
 Ou à sombra d'algum mal-me-quer. É de ver
 Aquela guerra de traição, que raro falha
 Aos rapazes cruéis, armados de uma palha,
 Que é para o mundo do griledo concertante
 O mesmo que uma lança é para um elefante!

Diversas flores, de diversas cores:
 Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Ó rosmaninho, ó flor sagrada:
Ardendo nas fogueiras de S. João.
- Raparigas trovando à desgarrada,
Na linguagem feliz do coração,
Prendem a Flor da Mocidade
Que vai alegre pelas ruas da cidade
A saltar as fogueiras de S. João.

- Raparigas d'Amaia, d'olhos feiticeiros,
Madonas d'amor... Jesus! que lindos olhos!
E namorando ao som dos lendários pandeiros
Não vos fieis do rosmaninho a arder aos molhos.

Donzelas d'Amaia, Amadas famosas,
Lábios de nácar mais frescos que as rosas:
Toca a bailar, toca a bailar;
Canta o coração alegrias da alma,
A Lua já nasce e a Noite vai calma,
E vós sem dormir, e vós sem sonhar!...

Donzelas d'Amaia: p'los ecos dos montes
Foi-se a meia noite agora adormecer...
Entretanto o Amor oscula-nos as frentes,
N'um beijo dulcíssimo d'endoidecer...

Alcachofras queimadas à luz da candeia,
Por trás das bilhas, no poial, mal escondidas!
Amor é certo, amor não mente, amor anseia
Se ao outro dia estão de novo florescidas!...

Trevo em capelas a beijar-lhes as madeixas
- No mês de S. João, que não nos outros meses,
Aonde o Zéfiro vai; a suspirar endeixas,
E onde a Lua costuma vir deitar às vezes
O seu dorido olhar a desfazer-se em queixas!

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

No pequeno adro da Capela
Aos domingos, de manhã cedo,
Amor-perfeito na lapela,
Como que a debruçar-se a medo,
Quer dizer-vos qualquer segredo,
Raparigas d’Amaia, d’olhar de gazela,
Que a reluzir, em noites negras, dá quebranto...
Onde a minha alma achou degredo, pobre dela!
E onde viveu outrora o meu perdido Encanto!

Ai quem me dera, lá, no adro da Capela
Aos domingos, d’amor-perfeito na lapela,
A ver a minha Amada, a ver-lhe o rosto santo
Que era um Céu, divino Céu, sem outro igual
Assim tão meigo, que brilhasse tanto,
Na minha terra e em todo o reino de Portugal!

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de voz, dizei, os meus amores?

A vossa lida,
A vossa vida,
Lírios da neve,
Lírios d'urchila:
Como ser deve
Meiga e tranquila,
Serena e doce!
Ai! quem me dera
Minha alma fosse,
Na primavera,
Lírio de neve,
Lírio d'urchila,
Sonhar... e em breve...
Morrer tranquila...

Crisântemos em flor, crisântemos a abrir
À alvura do Luar e ao oiro da Manhã,
Folhas de neve com 'smaiado de romã,
Lábios da minha Amada a quererem sorrir...

Diversas flores, de diversas cores:
Qual é de vós, dizei, os meus amores?

Violetas delicadas, odorantes,
 Que beijais meigamente as tranças loiras,
 Que beijais meigamente as tranças pretas
 Das filhas de Sorrento,
 Como encantadas moiras,
 Debruçadas ao vento,
 Beijando as tranças loiras,
 Beijando as tranças pretas
 Das filhas de Sorrento.

Violetas, modestas violetas!

E não há flor que eu mais adore,
 Bom aroma que tanto me deleite,
 Bençãos do Céu que a madrugada chore,
 Gotas d'orvalho que o Crepúsculo lhe deite,
 No pequenino seio a rescender,
 Que para mim só teve igual
 No seio casto, divinal,
 Da minha Amada, do meu Bem Querer!

Violetas!

Namoradas graças da minha simpatia:
 Beijos de fada nos jardins a seduzir:
 Eu hei-de-vos amar 'té mesmo quando um dia,
 Perdida a Aspiração, morto o Sentir,
 Quebrada a lira, o canto, a fala,
 Meu corpo fôr lançado à vala
 E minha alma subir por esses Céus, subir!

POST SCRIPTUM

Quando eu for um montão de vermos sobre a loisa,
Essa alcova fatal onde a Vida repouisa
E a Existência, a suprema Existência começa,
Àqueles que estimei d'Antes peço uma coisa:
Se algum deles houver a quem eu o mereça,
No dia triste de finados,
- Quantos, ó Nazareno, ai deles,
Não morreram abandonados
Sem uma lágrima por eles?!
Um simples ramilhete de violetas negras
Que vá emurcheçar-me à gélida morada,
E eu hei-de ouvir os rouxinóis e as toutinegras
Do coração a soluçarem a Balada...
Sublimes, melancólicas, vagas, celestes,
Como o diáfano véu que cinge a Madrugada,
E hão de chorar também junto a mim os ciprestes
- Na mística ansiedade d'estranho letargo
Ala de fúnebres espectros a tremer...
Da Morte, a Sombra arquiletal, o Escárnio amargo
Que raro dia, rara noite, os não vem ver!...

Portalegre, janeiro e março de [18]96

FEL

1898

« LASCIA TE ORG UI SPERANZA, VOI CHE ENTRATE »

JOSÉ DURO

Fel

(97-98)

«Lasciate ogni speranza, voi che entrate»

DANTE.

1898

EMPRESA LITTERARIA LISBONENSE
LIBANIO & CUNHA — EDITORES
Travessa da Queimada, 34
LISBOA

O JOSÉ CORDEIRO

O livro que aí vai - obra de um incoerente -
É um livro brutal, e dum poema a esmo...
Pensei-o pela rua olhando toda a gente,
Escrevi-o no meu quarto olhando-me a mim mesmo...

I

OS VERSOS DO MEU AMIGO

A Joaquim Leitão
Lindorphe de Macedo
e José Veiga

O meu amigo

Ele era um doido bom, um doido visionário,
Que andava quase sempre d'olhos rasos d'água,
E, às vezes, costumava a soluçar, com mágoa,
A lenda original d'um Fado extraordinário...

Entrava na taberna assim que anoitecia,
Bebia só absinto e nunca se fartava,
Daí, quem sabe lá se no absinto achava
Um meio de esquecer a dor que o oprimia...

Amava a cor do luto e odiava a cor do ouro,
E é certo que deixou - estranho tipo aquele! -
Poemas de nevrose em que só punha Choro...

E eu, que desejo ser o que ninguém deseja,
Julguei-me, por ventura, um doido como ele...
Que um doido já eu sou, embora não o seja!

POEMA DUM DOIDO

Tédio

Ando às vezes boçal e sinto-me incapaz
De encontrar uma rima ou produzir um verso;
Fazendo de mim mesmo a ideia de um perverso
Capaz de apunhalar alguém à luz do gás.

Incomoda-me a Côr, o sangue do Poente
- Waterloo rubro de que o sol é Bonaparte - ;
Não compreendo Mulher, como inda posso amar-te
Se tenho raiva, muita raiva a toda a gente.

'Té onde a vista alcança alargo o meu olhar,
E creio quanto existe uma nódoa escura
Que as lágrimas do Choro hão de jamais lavar...

Estranha concepção! abranjo o mundo todo
E em cada estrela vejo a mesma lama impura,
E em cada boca rubra o mesmo impuro lodo!

O meu riso

Bem de meus olhos, pobres olhos nunca enxutos,
Por onde corre a minha mágoa em brando rio,
Aonde vem pousar o teu olhar macio
Que tem o bom dulçor dos mais suaves frutos.

Quando o Coveiro, um dia, arremessar, sombrio,
O teu corpo gentil aos vermes resolutos,
De lá, da esfera azul dos astros impolutos,
Verás então, Mulher, verás como eu me rio...

Um riso contrafeito, uma ironia à toa...
Linda Mulher honesta e frágil como um cício...
Que eu não te quero a ti para noivar, perdoa

Porque o meu lábio já beijou a Podridão,
Nas alcovas do Mal, onde germina o Vício,
Onde a Alma é um farrapo e o Amor uma traição.

O corvo

(Antero e Poe)

Quando o meu corvo, trémulo, doente,
- Como quem sofre as minhas agonias
Naquela noite veio, amargamente,
Dizer-me, soluçando, que morrias,

Percebi-lhe no olhar as nostalgias
Da noite negra, sem luar, fremente
Aonde as suas asas luzidias
Tomaram cor misteriosamente...

E à luz medrosa do candeeiro exausto,
Bebendo a minha dor num longo hausto,
Mais triste que o soluço das nortadas,

Analisei a mágoa de nós dois
Para ver qual sofria mais... depois...
Céus! Desatei, chorando, às gargalhadas!

?

A Escultura ideal - Aroma dos lilazes -,
Que à noite vem beijar-me a horas sonolentas,
Tem no místico olhar cintilações sangrentas
E nos lábios sem cor angustiadas frases.

A mortalha de Noiva, em que o seu corpo esconde,
Vem laivada de terra e pútridas gangrenas,
E na mirrada mão que já colheu verbenas,
Traz uma alma a chorar que trouxe não dei donde...

Ora eu tremo de ver essa Visão dorida
Que me persegue sempre e me esfacela a vida
Como o Vento do Outono a débil flor da haste

Mas, por mais que lhe fuja, estreita-me nos braços,
E diz-me, numa voz da rigidez dos aços,
«Esta alma é a tua alma e eu sou quem tu amaste!»

Coveiro

Sonho que sou coveiro, e sinto os braços frágeis
Quando pego na enxada a rasgar um coval,
Ou quando tomo um crânio e analiso o frontal
Desse cárcere estreito em que houve sonhos ágeis...

Entro no cemitério a horas doloridas;
E, à indecisa luz das claridades frouxas,
Arrasto o meu olhar pelas gangrenas roxas
Dum corpo de Mulher a desfazer-se em vidas...

Um corpo escultural, imaculado, inerme,
Entregue à sedução fantástica do Verme,
Que o desfigura, a rir, numa vertigem louca...

Um corpo que exumei, alucinadamente,
Em ânsias de remorso, em raivas de demente,
Para poder beijar-lhe a apodrecida boca!

Em busca...

Ponho os olhos em mim, como se olhasse um estranho,
E choro de me ver tão outro, tão mudado...
Sem desvendar a causa, o íntimo cuidado
Que sofro de meu mal - o mal de que provenho.

Já não sou aquele Eu do tempo que é passado,
Pastor das ilusões perdi o meu rebanho,
Não sei do meu amor, saúde não a tenho,
E a vida sem saúde é um sofrer dobrado.

A minha alma rasgou-ma o trágico Desgosto
Nas silvas do Abandono, à hora do sol posto,
Quando o Azul começa a diluir-se em astros...

E à beira dum caminho, até lá muito longe,
Como um mendigo só, como um sombrio monge,
Anda o meu coração em busca dos seus rastros...

O meu relógio

As palavras cruéis que o meu relógio fala,
Num gélido estertor, num íntimo cansaço,
Lembram-me o gargalhar dum mórbido palhaço
Que roubasse a ironia ao ventre duma vala...

Encontro um não sei quê na sua voz estranha,
Quando, por essa noite, a apunhalar-me o sono,
Me diz pausadamente: - «És filho do Abandono,
Hás de sofrer a vida até que a morte venha».

Mas gosto de o ouvir, e, às vezes, tenho pena
Que a sua predição, que tanto me envenena,
Perturbe a minha alcova apenas um instante...

Porque julgo ver nele uma alma a soluçar
- Mercê do mau Destino -, a mágoa extravagante
Que sofre do seu mal por não poder chorar!

A caveira

Encontrei-a uma vez, a lívida caveira,
A rir, sinistramente, em doidas gargalhadas...
E pensei, nesse instante, ó almas torturadas!
Que ela seria em breve a minha companheira.

Depois vi, por meu mal, naquela ossada nua,
Que a Morte descarnara, em ânsias, brutalmente,
A imagem do meu ser, gelada e inconsciente,
Bebendo a luz do sol e as lágrimas da lua...

E tive ainda mais ódio a este viver tristonho
Que arrasto sem te ver, eu que por ti vivia.
Ó alma da minha alma e sonho do meu sonho!

Entanto começava o dia a esmorecer...
E eu fui-me perguntar à Sombra, que descia,
Se acaso não seriam horas de eu morrer!

Prece

Ó Morte vai buscar a raiva abençoada
Com que matas o Mal e geras novos seres...
Ó Morte vai depressa, e traz-ma, se puderes,
Que eu canso de viver, quero voltar ao Nada.

Escorre-me da boca a voz que 'inda murmura,
Arranca-me do peito o coração exangue,
Que eu hei de dar-te, em troca, os restos do meu sangue,
Para o negro festim da tua fome escura...

Ó santa que eu adoro, ó virgem d'olhar triste,
Bendita sejas tu, ó Morte inexorável,
Pelo Mundo a chorar desde que o Mundo existe.

Dá-me do teu licor, quero beber a esmo...
Que eu vivo no Abandono, e sou um miserável
Aos tombos pela Vida em busca de mim mesmo!

II
CREPÚSCULO

Ao José Barroso

Dor suprema

Onde quer que ponho os olhos contristados
- Costumei-me a ver o mal em toda a parte -
Não encontro nada que não vá magoar-te,
Ó minha alma cega, irmã dos entrevados.

Sexta-feira santa cheia de cuidados,
Livro d'Ezequiel. - Vontade de chorar-te...
E não ter um pranto, um só, para lavar-te
Das manchas do «Fel», filhas de mil pecados!...

Ai do que não chora porque se esqueceu
Como há de chamar as lágrimas aos olhos
Na hora amargurada em que precisa delas!

Mas é bem mais triste aquele que olha o céu,
Em busca de Deus, que o livre dos abrolhos,
E só acha a luz das pálidas estrelas...

Mortos

Podem-nos olhar, que não metemos nojo,
 Olhos dos que vivem, olhos dos que choram;
 Podem-nos olhar, que os astros donde moram,
 Olham o réptil e mais ele anda a rojo.

Órbitas sem olhos, lâmpadas sem luz,
 Maxilas cor d'âmbar, frias como o gelo,
 Faces descarnadas, crânios sem cabelo,
 Formas onde a carne se desfez em pus.

Despiu-nos a terra os tórax e o abdómen
 E os diversos membros - o cadáver todo,
 Porém continuamos sendo o mesmo lodo,
 Porque lodo é tudo desde o Verme ao Homem.

Das bocas sem lábios sai-nos uma trova,
 Que é como um punhal esfarrapando a pele;
 Carcaças boçais, no Cemitério-Hotel
 Cada um de nós habita numa cova.

A desoras, quando treme o arvoredos
 E o silêncio esmaga as fortes Ventanias,
 No baile macabro damos as mãos frias
 E vamos dançar cancans que metem medo.

E quem sabe lá, profunda Noite escura,
 Se as voltas que damos são continuação
 Das voltas que demos quando ainda não
 Tínhamos descido à negra vala impura.

Ai quem sabe lá! que a Vida é um enigma
 Aonde entramos rindo sem pensar na vida.
 Vale mais morrer, que a Morte é a saída
 Dessa pena injusta, desse infame estigma.

Desse imundo charco aonde apenas vemos
A Dor e a Angústia, o Desengano e a Febre,
O ouro de um palácio é a fome de um casebre...
Que para ver males é que nós nascemos:

- Mães vendendo as filhas de estatura langue
Pelas podridões das bacanais devassas,
Onde o Vício bebe, por lascivas taças,
O veneno mau que nos estraga o sangue.

Corações são antros, peitos são covis,
O Prazer, ó virgens, nunca foi Amor,
É apenas gozo o que vos turba a cor,
É luxúria apenas o que vós sentis...

Cada riso encobre a mágoa de um pesar,
Cada sentimento uma ansiedade louca...
E é para dar beijos que nós temos boca...
Se Deus nos deu olhos são para chorar.

Cada peito encerra a seiva do Pecado,
Os noivos, noivando, fogem de que os vejam,
Onde havia rosas cardos só vicejam,
O que era um jardim tornou-se um descampado.

Sob o céu azul e os astros de cristal
Não merecem nada as grandes alegrias,
Semei venturas - nascem agonias;
Procurai o Bem - encontrareis o Mal.

As almas dos bons, rutilas como estrelas,
Almas sem defeito, a Noite é que as esmaga
Dando-as brutalmente à Ironia aziaga,
Que as perverte e morde ou escarnece delas.

E as almas dos maus, feitas de lodo e treva,
 Vomitando o Mal, nutrindo-se do Bem,
 Estúpido sarcasmo! a noite é que as mantém!
 Incrível cinismo! o Dia é que as eleva!

Por isso a Canalha nunca se redime,
 A Consciência é torva e a Razão sombria
 Se lhes dão, em vez da luz de cada dia,
 A Igreja o Dogma, a Sociedade o Crime.

Pobres arrastando os míseros andrajos
 Por essas calçadas onde o Luxo medra,
 Enquanto nos templos os perfis de pedra
 Ostentam caríssimo e inúteis trajos;

De dia e de noite, pelo mundo, a esmo,
 A Miséria chora a sua fome absurda
 Sem achar um pão; e numa raiva surda,
 Enfezada e triste, odeia-se a si mesmo.

Corpos de crianças - lírios num jardim -,
 Ai dos astros d'ouro a cintilar no Escuro...
 Corpos d'assassinos - larvas num monturo...
 Tudo a mesma lama, o mesmo lodo enfim!

Trágico mover de pútridas gangrenas:
 O orgulho oprime o Igualitarismo,
 O Direito cede o passo ao Despotismo,
 E, ó Deus de bondade, é isto a Vida, apenas! -

...

Geração do Mal, pisamos só abrolhos,
 Temos coração e não podemos vê-lo,
 E lá quando o Verme principia a roê-lo,
 Queremos olhá-lo e já não temos olhos.

Não se encontra mais o que uma vez se perde,
Não se vê a si o que por si existe,
Por isso é que nós não vemos a alma triste,
Olhos carcomidos da gangrena verde...

Mas não temos fome os que a tivemos dantes,
Há na nossa mesa, à sombra dum cipreste,
Um bom jantar, vinhos de sabor agreste,
Doces saborosos, frutos enervantes...

Serve-nos a Morte e mais os Vermes agros,
Não se vê orgulho aqui; ora suponham:
Mulheres de dom e reis não se envergonham
De comer à mesa com mendigos magros!

Etiquetas parvas, distinções banais,
Fazem-nos rir quando nos lembramos delas;
Não usamos flor na casa das lapelas,
Mas geramos flores d'aromas sepulcrais.

Dormimos em leitos frios como tumbas
Feitos à enxada por algum velhinho...
- Camas de cadáver sem lençóis de linho
Ai que bem se dorme nestas catacumbas!

E o trágico Sonho, o lívido Poeta,
Conta-nos à noite vagas intuições,
Enquanto a alva Lua veste as solidões
Da mórbida luz da sua vista inquieta.

...

Nós também amámos, e quem ama afaga
Inda além da morte as mágoas de quem ama...
Saudades d'amor, o Amor é viva chama,
Que uma vez acesa nunca mais se apaga!

Deixámos a harpa das canções trementes
 No celeste olhar das nossas Bem-Amadas,
 E pelos balcões de rosas desmaiadas
 Os beijos românticos dos lábios quentes.

Perdemos ao longe a rigidez dos nervos
 E a forma gentil dos vossos corpos frágeis...
 Quem pudesse ouvir aqueles cantos ágeis,
 Falas dessas bocas, e tornar a ver-vos...

Donzelas honestas cujos olhos correm
 Nos de quem amais, em doidas alegrias,
 O Amor só beija as almas doentias,
 E a Saudade abraça os corações que morrem.

Ó moças leais - Origens dos desejos,
 Entre nós há muitos que eram vossos noivos...
 Vinde ver as campas e deitar-lhes goivos,
 Abraçar as cruzes e trazer-nos beijos!

Pássaros da Noite, vagabundos sós
 Vinde soluçar à beira dos covais!
 É gelado o Vento... ouvi os nossos ais,
 Almas da nossa alma, e orai a Deus por nós!

A crença é um Astro, para o ver carece
 A alma de sofrer e contemplar os céus:
 Só a Desventura ensina a crer em Deus,
 E só Deus recebe a verdadeira prece!

III

LUA D'AGOSTO

- Madalena -

Rústica

De cravos enfeitada a trança, e de rosas,
Vestido d'estamenha e rústico perfil,
Aquele que eu adoro é muito mais gentil,
Que, em vestes de brocado, as damas orgulhosas.

A mim enerva-me o ruído das cidades,
Aprez-me a solidão nostálgica dos montes,
E é meu enlevo contemplar as róseas fronteiras
Das raparigas sãs, que vivem nas herdades.

A alma adora a alma, a noiva adora o noivo,
Que lindas são d'ouvir as falas namoradas,
À beira dos casais, debaixo das latadas,
Onde floresce a rosa a namorar o goivo.

Noivados com amor no campo é que heis de vê-los,
Poetas, de quem sou, talvez, irmão bastardo,
E vós mulheres de tom que perfumais a nardo
Os colos virginais e as tranças dos cabelos.

Quem me dera viver a vida das montanhas,
A minha mão d'artista arrotear os campos;
E por manhãs d'amor colher os frutos lampos,
Vestir-me de burel, de linho e d'estamenhas.

Em cada sulco estreito pôr uma semente,
Amaciar a terra a golpes de arado;
E às horas do costume ir refrescar o gado,
Banhando o meu olhar na límpida corrente.

Cantar uma canção enquanto os bois lavrassem,
Namorar uma arvéola enquanto os bois rompessem,
Adormecer à noite enquanto me esquecessem,
Não me lembrar de mim, nem outros me lembrassem...

Ir descuidadamente à beira dos atalhos,
 Colhendo, pelas silvas, rústicas amoras;
 Sem perceber a dor das gemebundas noras,
 Beber em cada flor a água dos orvalhos.

Ouvir, na primavera, à hora do sol posto,
 O meigo rouxinol a gorjear endeixas,
 Enquanto a viração brincasse nas madeixas
 Das moças dos casais, de linda cor de rosto.

Os ninhos encontrar, ocultos nos abrolhos,
 À sombra duma xara ou nas grosseiras fráguas;
 E os verdes salgueirais, mirando-se nas águas,
 Olhando os seus perfis - eles que não têm olhos...

À clara do luar, nos bailes das moçoilas,
 Cantar à desgarrada os cantos populares;
 Amar, em vez da rosa, o cardo e as papoilas,
 E o lírio da montanha em vez dos nenúfares.

Um dia, sem saber o que seria amor,
 Ficar-me a contemplar teus olhos feiticeiros
 Aonde estes meus olhos, como dois cordeiros
 Iriam beber água à hora do sol pôr...

Daí em diante o meu olhar seguir-te os rastros,
 - Ó Noiva da minha alma, ó Rústica morena -,
 Colher no teu canteiro os trevos da Novena,
 E ler no teu olhar as orações dos astros...

Falar ao malmequer no meu amor silvestre,
 Aos milharais confiar os meus segredos d'alma;
 Lembrar-me muita vez, numa saudade calma,
 De quanto me ensinara o cura e mais o mestre.

Depois, um belo dia, o senhor padre João
Casar-nos na ermida em que te batizaste;
Unir-nos como a flor está unida à haste
E o coração ao peito e o peito ao coração.

Vivermos num casal, Mulher que me entonteces,
Como os pais de Jesus viviam em Belém;
Amar-te só a ti, não querer a mais ninguém,
O meu retrato ver nos filhos que me desses.

Filhos do nosso amor, ali por pé da porta,
- O coração liberto - à sombra dos arbustos,
Mostrando à luz do dia os braços nus, robustos,
Que haviam de amanhar os campos mais a horta.

E, à volta do trabalho, a meio do caminho,
Correrem para mim, qual deles mais ligeiro,
Contentes como o céu em noites de janeiro
E alegres como a ave à beira do seu ninho!

No tempo de ceifar, à alva da manhã,
Ao abalar pr'ó campo a recolher o trigo,
Beijar-me honestamente esse teu lábio amigo,
Deixando-me no lábio aroma de romã.

Que santa vida a nossa, ó minha Noiva triste!
Que doce enlevo este, ó meu Enlevo doce
A vida assim vivida é como que se fosse
O prólogo do céu - se acaso o céu existe!

E quando o frio inverno uivasse, nas devesas,
As mágoas que sofreu por ignorados trilhos,
Ouvir a minha Avó contar aos nossos filhos
Novelas do Oriente e contos de princesas.

Sentir no coração a fé ingénua e mansa
De quem ignora o mal e sabe 'inda rezar...
Não ter ódio a ninguém, e diante dum Altar
Saber-me ajoelhar, ver-me outra vez criança...

Com toda a minha fé abençoar Maria,
E ser temente a Deus e crer na sua graça...
Não ver por esse mundo apenas a desgraça,
Mas ver também a luz que a todos alumia!

Que a vida que eu arrasto amargurada, incalma,
Enrouqueceu-me a voz e amorteceu-me a vista...
Tornou-me o que eu não era - um grande pessimista:
Mostrou-me tudo mau e enegreceu-me a alma...

Ai quem me dera a mim aquela vida rude,
Cavar a minha horta, apascentar os gados,
Viver do teu amor, liberto dos cuidados
Que me perdem a cor roubando-me a saúde!

Fugir a este luxo, a esta vida hiante
Aonde tudo é falso, estúpido, vulgar.
Ouvir o riso franco em vez do riso alvar,
E ter um bom amigo em cada semelhante!

Noivado estranho

Quisera amar-te muito, ó Gémea do Luar,
Num sonho excepcional, só de carícias feito,
Abençoar o céu na luz do teu olhar,
E a alma adormecer na curva do teu peito,

Quisera amar-te sempre, ó Doce como arminho
E casta como a pomba em seus arrulhos doces...
E, em troca deste amor, viver do teu carinho,
Que eu não vivia, não, Mulher, se tu não fosses!

Passar a vida inteira a ver-me nos teus olhos,
Apenas ter ventura em vez de ter abrolhos,
Beber o teu sorriso, e as mágoas esquecer-las...

E quando a Morte viesse e nos levasse a ambos
Realizarmos então os desejados tambos,
Na Igreja do Além... em meio das estrelas.

IV
FLORES EXÓTICAS

A Mayer Garçon

Cores

Vermelho de papoila - o raio que ensanguenta
A máscara dum céu nevrótico, de fúria,
Os risos de Satan, os uivos da Tormenta
E os beijos da Mulher nascidos da luxúria...

Roxo - o vinho que bebo, quando me apetece
Cair na sugestão provável d'outras vidas...
O sangue de Jesus, mandando-lhe das feridas,
E a miserável dor que tanto me entristece...

Azul - o céu aberto onde voejam todas
As almas virginais... azul - o meu Desejo...
E ha de ser azul o véu das tuas bodas,
Como é também azul o sonho em que eu te vejo...

O verde - a Podridão, as sedas da floresta,
A carne putrefacta, as larvas inconscientes,
A trémula agonia exausta dos Poentes,
O brilho da esmeralda e a esperança que nos resta...

Violeta - e é tanta a graça e a candura é tanta,
Que ainda que não houvesse a cor da violeta,
Iria adivinhá-la, ó casta Julieta,
Na luz espiritual do teu olhar de Santa!

O amarelo - a Raiva, a Deceção, o Tédio,
O riso do meu lábio, a cor do morto inerme,
O goivo entristecido, a Angústia sem remédio,
A macilenta Fome e o gargalhar do Verme...

Cinzento - e gosto desta cor porque me enerva;
As cinzas fazem tudo igual a tudo o mais...
E é sob a cinza que adormece e se conserva
A raiva deste amor que vós abençoais...

Negro - o luto, a viuvez, a cor da treva bruta,
A noite do remorso, o ventre duma vala...
E é na escuridão que se ouve mais a fala...
Quanto menos se vê muito melhor se escuta.

...

E, sem saber porque desconhecidas normas,
Na vaga sinfonia histórica das cores,
Descubro no que é branco a languidez das formas...
E vejo no que é rosa a morte dos amores!...

Alvíssima

(ORAÇÃO)

Como a Noite, Senhor, é linda,
Com seus cabelos de luar...
Não chores mais, Lua bem-vinda,
Que me fazes também chorar...

Sorrisos do luar duma Caveira oca,
Sorrisos do luar enfeitando os brejos,
Sorrisos do luar a angelisar a boca,
Sorrisos do luar onde escondi meus beijos...

Orações do luar dos lábios de nós ambos,
Orações do luar que os astros não rezaram,
Orações do luar a consagrar os tambos,
Orações do luar, das almas que noivaram.

Cabelos do luar, aveludados, frios,
Cabelos do luar em tranças latescentes
Cabelos do luar - alvíssimas serpentes,
Cabelos do luar banhando-se nos rios...

Aromas do luar em revoadas francas,
Aromas do luar, a perfumar o céu...
Aromas do luar, sonâmbulos ao léu,
Aromas do luar, por noites todas brancas...

Brancuras do luar dispersas pelos montes...
Brancuras do luar - finos lençóis de gelo...
Brancuras do luar, olhai o sete-estrela,
Brancuras do luar, a namorar as fontes...

Veludos do luar tecidos por a Lua,
Veludos do luar, de lírios e de rosas...
Veludos do luar, ó vestes preciosas,
Veludos do luar vestindo a noite nua...

Trémulos do luar - litánias peregrinas,
Trémulos do luar - ó harmonias céreas,
Trémulos do luar, nas bocas das aspéras,
Trémulos do luar, e lábios das boninas...

Tristezas do luar caindo-nos no peito,
Tristezas do luar, como um dobrar profundo...
Tristezas do luar anestesiando o Mundo,
Tristezas do luar, em lágrimas desfeito...

Lágrimas do luar da Lua aventureira,
Lágrimas do luar, da débil flor dos linhos...
Lágrimas do luar da mágoa derradeira,
Lágrimas do luar, de moços e velhinhos...

Saudades do luar, na rama dos ciprestes,
Saudades do luar, há mochos a cantar...
Saudades do luar, são almas a chorar,
Saudades do luar, as podridões agrestes...

...

«Velhinhos corações a verter sangue e mágoas,
Velhinhos corações de mocidades negras,
Velhinhos corações - doridas toutinegras,
Velhinhos corações, aos tombos pelas fráguas:»

«Vamos todos pedir à Luz sacrosanta
- Na aspiração do Amor, na comunhão do Bem,
Que o seu bendito olhar, o seu olhar de Santa,
Nos abençoe agora e para sempre ámen!»

A enterrar

A Lua-nova do Senhor anda a boiar
Nas ondas calmas do mar cerulo dos astros...
Que é feito, Pescador, das velas e dos mastros
Da Lua nova do branquíssimo luar?

Sem leme e sem farol a barca anda a boiar...
Ai pobre Pescador de pérolas e d'astros!
Aonde vais assim, sem velas e sem mastros,
Por essa noite negra, exausta de luar?

Aonda vais, aonde? - E o velho Pescador
Olhou-me, num olhar em que tremia a Dor,
E disse-me, soltando o represado pranto:

- «Eu levo a Lua a enterrar nas duras fráguas
Do indomado Mar - o grande Ossian das águas,
Porque a Lua morreu de ter chorado tanto!...»

V

FLORES MALDITAS

A Rui Ribeiro

Bacantes

Mulheres de compra e venda, a prazo e a contado,
Rameiras sem vergonha, impúdicas bacantes,
Por essas ruas fora à cata dos amantes,
Mostrando o pé gentil e o corpo devassado.

Cabelos em bandós e pó d'arroz nas fronteiras,
Os brandos seios nus à orla dos decotes,
Ao mesmo tempo são megeras e cocotes,
Anémons do vale e tríbulo dos montes.

E algumas tinham dom, e nem sequer lhes lembra
O seu viver d'outrora ingenuamente doce...
O abandonado Lar em troca do Alcouce,
Que tudo lhes roubou o seu destino, ensembra.

Outras, de pé descalço e ancas virginais,
Viviam vida fresca, alegre, descuidada,
Viviam como vive a loira Madrugada
Nos braços da Manhã, beijando os laranjais...

Ou antes, no recato honesto da família,
Dos varandins em flor olhavam de relance,
Num feiticeiro olhar, o pagem do romance
Que a sua alma ideara em noites de vigília...

Mas a canalha vil, infrene e assassina,
Que espregueira a Virgindade e a lança no Monturo,
Mostrou-lhes cor-de-rosa o que era só escuro
E pôs-lhe o corpo a nu como um cartaz d'esquina!

Mulheres de compra e venda! Eu sinto uns arrepios
Quando olho para vós e vejo o horrível caos
Da vida que arrastais por esses antros maus
Onde não entra a luz, ó corpos doentios!

Os corpos sensuais de lúbricos vexames,
 A rescender perfume em contrações nervosas
 E cujo peito branco a insultar as rosas,
 Desperta em nós o gozo, e torna-nos infames!

O meu olhar entende o vosso olhar fatal,
 Se bem que o meu Sentir, espavorido, fuja
 Desse perverso olhar, desse clarão que suja
 As almas e envenena a Flor do Ideal...

Que vós não tendes alma, apunhalou-a o Vício
 Nas cenas do Deboche, às horas dos anseios...
 D'há muito que o Amor fugiu dos vossos seios,
 E o vosso amor d'agora é um amor d'ofício!

É um amor d'orgia, estúpido, asqueroso,
 Que arrasta a Mocidade à lama dos bordéis;
 Amor que se obtém por mais ou menos reis,
 Conforme o vosso rosto é feio ou é formoso!

...

Impúdicas bacantes:

Por toda a parte encontro a vossa graça espúria
 No mesmo tom banal de gestos imprudentes.
 Abrindo a suja boca em risos indecentes,
 Para a fechar depois em beijos de luxúria!

O vosso ar ilude, o vosso busto chama,
 Escandalosamente, o vosso todo atrai...
 Porém a sedução a breve trecho cai,
 Porque lhe falta a graça ingénua de quem ama...

E, ou seja numa alcova ou seja num casebre,
O Vício bestial, ó pálidas estátuas,
Depois de vos gozar numas carícias fátuas,
Concede-vos somente as podridões e a febre.

Desenha-vos na face, escarra-vos na testa,
As rugas que colheu nas noites mal passadas.
E vai por essa vida a rir, às gargalhadas,
Do lívido desdém da rara gente honesta...

Não pára um só momento, abrange o mundo inteiro
Numa voragem bruta, aspérrima, sanguínea,
Por isso é que eu desci ao charco da ignomínia
A ver como se faz dum astro um lamaceiro...

E, ó prostitutas, sob os vossos espartilhos
Descubro as seduções de que os sentidos nutro...
E odiando a vossa carne, adoro o vosso útero,
Porque ele, sendo podre, é raro gerar filhos!

Margarida Gautier

Margarida Gautier, o teu amor assombra;
Teu corpo é um bordel, mas a tua alma é chama...
E a flor também se dá num pântano de lama,
Como em qualquer jardim ou em qualquer alfombra.

Embriaga-me o sol, mas gosto mais da sombra
Porque o sol não me escuta e a sombra é que me chama...
E eu que desprezo tudo, eu amo só quem ama,
Amo talvez a dor que o meu olhar ensombra...

Para que um astro brilhe é necessária a noite;
Porém, estrelas há que antes que o sol se acoite,
Já elas no azul desfolham malmequeres.

Assim o teu amor, estranhamente rara,
Rasgando a Podridão em pleno dia claro,
Mostrou que tinhas alma à alma das mulheres!

D. João

I

Porque o olhar nos mostra um rosto gracioso,
Tão facilmente como um rosto que detesta,
É difícil amar uma mulher honesta
Que nos não morda logo a víbora do Gozo.

As perfeições da Carne e as formas da Matéria
Influem sempre em nós, irresistivelmente;
O amor só é amor quando é inconsequente,
Amando Julieta e desejando Impéria!

Deixai-os lá falar os pálidos Romeus
- As almas em abril, mais doces que um adeus...
E os corações em flor, num sonho delicioso...

Deixai-os lá falar... poetas de cordel!...
- Num santuário honesto ou em qualquer bordel
O amor é simplesmente o prólogo do gozo!

II

O que eu quero é olhar e ver o que apeteço,
Depois d'apetecer desejo possuir.
E tendo o que desejo logo me aborreço
E aborrecendo tudo vivo de sentir.

O meu prazer é bruto, em mim só há desejos...
O que amo na Mulher não é imaculado...
Eu só lhe quero a Forma e, quando saciado,
Desprezo-me a mim mesmo, enojam-me os seus beijos...

Pedir pureza à Carne é insultar a Carne!
Que as almas, como as flores, também se dão no marne
E a Lua também olha as podridões espúrias...

E se é a Natureza a própria que nos leva
Das virtudes da Aurora aos pecados da Treva,
Então bendita seja a lama das luxúrias!

Cego

Eu hei de embebedar o coração um dia
E assassiná-lo a rir de encontro ao peito escuro...
Depois, cinicamente, ir pô-lo no Monturo,
Deixá-lo apodrecer ao sol e à ventania...

Hei de cegar o olhar, despedaçar-lhe a vista,
Porque não torne a ver quem o despreza tanto.
Cisterna do Desgosto e Fonte do meu Pranto:
Ha de esmagar-te, sim, a minha mão d'artista...

Não quero coração, nem mesmo quero olhar;
Mas, cego, buscarei o teu amor alvar
- Veneno que me perde e néctar que me anima...

E, se acaso o encontrar, Mulher robusta e nova,
Ou seja numa vala ou seja numa alcova,
Hei de calcá-lo aos pés, hei de escarrar-lhe em cima!

VI
DOENTE

Doente

Quando o meu corpo, já sem vida, inirme
Lançado for à podridão do verme,
- Se ele é verme também, e o verme é pó -
Porque de todo o meu olhar eu cerre,
Pede, pede ao Coveiro que me enterre
Na cova mais humilde, ó minha Avó!

Escrevo e choro; dói-me a alma; tenho febre
Não sei a quantos graus - calor insuportável!
- Moderno Lázaro - ó que vida miserável
Eu vivo aqui, doente e só, no meu casebre.

Agora compreendo a dor de não ter Lar
E a dor de viver só - desventura tamanha!
É ser mais triste do que os cardos da montanha,
As urzes do caminho e as noites sem luar...

Meus tempos de criança! e fui fadado assim!
A minha Mocidade é como que um deserto;
Não creio que haja alguém que possa amar-me, enfim
E Deus, se Deus existe, odeia-me decerto...

Confesso que estou pronto, e, se me vejo ao espelho,
Descerra-se-me a boca em risos de desdém...
Imagem do que fui, - eu nunca fui ninguém -,
E, ó má fatalidade, encontro-me hoje um velho,

Cavou-me a Dor na face as rugas do desgosto,
Meus olhos de chorar vão-se tornando cegos,
E quando os chamo, a ver aquilo que dá gosto,
Escondem-se na treva assim como os morcegos.

Dilui-se-me o pulmão e sai-me pela goela
À força de tossir bastante enrouquecida,
E se 'inda vivo assim é porque a minha vida,
Amarga como é não posso dispor dela.

Porque a verdade é esta: a vida que se arrasta
Do Nada até à flor, do verme até à pedra,
É sempre a mesma vida incómoda, nefasta...
Que a Dor do Universo em toda a parte medra.

Assim, talvez um dia eu, que prefiro a Lua
A tudo quanto é bom, a tudo quanto é são,
Me torne por destino em pedra numa rua,
Que a multidão acalque, a doida multidão.

Talvez eu venha a ser a flor dum cemitério,
A estrela do Azul, a areia do Oceano;
A Vida não tem fim como o Destino humano,
E, se o Não-ser é tudo, o Nada é um Mistério.

E eu que era, noutra tempo, enérgico, robusto,
Quando no meu jardim floriam as roseiras,
Padeço horrivelmente, já respiro a custo,
E a minha tosse lembra a reza das caveiras...

Quem sabe lá! talvez nas grutas do meu Ser
A Morte agora esteja abrindo algum jazigo...
E os vermes por desgraça escutem o que eu digo,
Vivendo dentro em mim sem eu os perceber.

Que negro mal o meu! estou cada vez mais rouco!
Fogem de mim com asco as virgem d'olhar cálido...
E os velhos, quando passo, vendo-me tão pálido,
Comentam entre si: - coitado, está por pouco!...

Por isso tenho ódio a quem tiver saúde,
Por isso tenho raiva a quem viver ditoso,
E, odiando toda a gente, eu amo o tuberculoso,
E só estou contente ouvindo um alaúde.

Cada vez que me estudo encontro-me diferente,
Quando olham para mim é certo que estremeço;
E vai, pensando bem, sou, como toda a gente,
O contrário talvez daquilo que pareço...

Espírito irrequieto, fantasia ardente,
Adoro como Poe as doidas criações,
E se não bebo absinto é porque estou doente,
Que eu tenho como ele horror às multidões.

E amando doidamente as formas incompletas
Que às vezes não consigo, enfim, realizar,
Eu sinto-me banal ao pé dos mais poetas,
E, achando-me incapaz, deixo de trabalhar...

São filhos do meu tédio e duma dor qualquer
Meus sonhos de nevrose horrivelmente histéricos...
Como as larvas ruins dos corpos cadavéricos,
Ou como a aspiração de Charles Baudelaire.

Apraz-me o simbolismo ingénito das coisas...
E aos lábios da Mulher, a desfazer-se em beijos,
Prefiro os lábios maus das negregadas loisas,
Abrindo num ansiar de mórbidos desejos.

E é em vão que medito e é em vão que sonho!
Meu coração morreu, minha alma é quasi morta...
Já sinto emurcheçar no crânio a flor do Sonho,
E oiço a Morte bater, sinistra, à minha porta...

Estou farto de sofrer, o sofrimento cansa,
E, por maior desgraça e por maior tormento,
Chego a julgar que tenho - estúpida lembrança -
Uma alma de poeta e um pouco de talento!

A doença que me mata é moral e física!
De que me serve a mim agora ter esperanças,
Se eu não posso beijar as trémulas crianças,
Porque ao meu lábio aflui o tóxico da tísica?

E morro assim tão novo! Ainda não há um mês,
Perguntei ao Doutor: - Então?... - Hei de curá-lo...
Porém já não me importo, é bom morrer, deixá-lo!
Que morrer - é dormir... dormir... sonhar talvez...

Por isso irei sonhar debaixo dum cipreste,
Alheio à sedução dos ideais perversos...
O poeta nunca morre embora seja agreste
A sua aspiração e tristes os seus versos!

POEMAS DISPERSOS

A Vida

Triste como um frangalho da procela
Rasgado pelo vento enraivecido
Minha alma vai, pobre batel perdido,
Na esteira de formosa caravela

Já vai longe no mar, é prestes dela
Quando num ai supremo, dolorido
Da nau mais rápida do que o meu sentido
Murmura a medo arqui-letal Donzela

« - Foge, oh alma... o encanto que eu resumo
Perde-se pelo nada e vai-se em fumo
Quanto seguir meu rastro neste mar - »

Desde então a minha alma e vida sempre
No horizonte ignorado que a morte sempre
Sinistra e má como um sinistro olhar.

Bucólica

Pastora dos meus amores
 Enquanto guardas teu gado
 Eu guardo só minhas dores
 E ando do meu descuidado;

Que no amor que me mostravas
 Quando me vias no prado
 Só me davas o cuidado,
 Cuidando que m'ó não davas.

E assim me fui costumando
 A sofrer... Que não sofria,
 Que em antes ao vir do dia,
 Já eu andava cantando.

Porém meus olhos, alfim,
 Desde que o dia amanhece,
 Choram por quem nos esquece
 Sem se lembrarem de mim...

Mas ao menos, por meus males,
 Que lágrimas tão suaves
 Choram de me ver as aves
 Choram de me ouvir os vales!...

Até choram, de meu choro,
 Meus cordeiros pelas fráguas...
 Tudo chora as minhas mágoas
 As mágoas do pobre Jôro.

Só tu não choras por mim
 Se tu não choras, pastora...
 Ai! muito melhor me fora
 Não me alembresse de ti...

Que não és merecedora
Deste amor sereno e brando,
Que passa a vida penando
Penando por ti, pastora.

Blasfémia

1.º

O meu Mal tem-me feito descontente,
Tem-me dado só lágrimas a Vida.
Ando a sofrer continuamente

Vivo só com a Dor... não tem guarida
Num seio de mulher minha Alma doente
E um seio de mulher é quase a Vida...

2.º

Parece que nasci só para ver
Um desgraçado pelo mundo em busca
Duma afeição que logo vi morrer...

Oh Astros! Vosso brilho não me ofusca
Que eu nem já tenho olhos para ver
De tanto que chorei a mágoa brusca

3.º

Levei a Vida toda enquanto pude,
Lá pela Mocidade só a amar
Crendo no Amor, no Bem e na Virtude,

E à sombra negra do teu morto olhar,
Que me dava coragem e saúde,
Compunha versos lindos d'encantar...

4.º

Um dia tive fome por desgraça...
Encontrei a Miséria à minha porta...
Longe da nossa Mãe quanto se passa!

As vestes rotas... como o frio corta...
E nem um só conforto, uma só graça
A animar-nos a Alma quase morta.

5.º

Cuspiram-me no rosto a má ofensa;
A lama do Desprezo envergonhou-me
E a Turba vária riu com indiferença.

Passou por mim a morte mas deixou-me.
Por que ouvisse depois com mágoa imensa
Alguém dizer-me que eu não tinha nome!

6.º

Perdi o Bem - o agridoce Fruto,
Perdi o Riso - a graça do meu Canto
E tudo por Amor que não desfruto.

Por isso muita vez com ódio canto,
Numa voz de revolta, voz de luto,
Trágicos versos de um sombrio encontro.

7.º

Maldita seja a Vida que a ventura
Não vale a pena, ó Deus, tão grande esforço
Se um Céu nos fulge além da sepultura...

Hei de apagar em pranto o meu Remorso:
- Que é ter vivido só na desventura
- Anomalia tosca, um triste Aborso!

A Morte

Naquele dia estive prestes a morrer.

Sentara-se a meu lado uma figura
- Feições de bronze num sorriso adusto,
Erguendo para mim com certo custo
A mão pesada e fria mas segura.

E o olhar, como o olhar que conjetura
Pela mudez da noite o crime injusto,
Fitava-me indeciso como um susto
- Nos trágicos esgares da loucura...

E eu perguntei-lhe: - Quem és tu, visão
- Estrela má, talvez, da minha sorte,
Quero dizer aos homens o teu nome?

- Gémea da Treva, irmã da Escuridão
Vago desde o princípio... sou a Morte...
Mas ainda não te quero ainda. - E abandonou-me!

Numa flor

A ELA...

Nas pétalas recortadas
Do cálice duma flor,
Branca falena poisara
A sorrir doida d'amor

Mas a folhinha temendo,
Que o Zéfiro a quem jurou
Amar sentisse ciúmes,
O seu cálice fechou.

Nisto passas; e sorris,
Modesta como se fosses.
Qual violeta que viceja,
Ao alvor de manhãs doces.

A falena foge; e tu
Tão receosa como ela,
Lês na flor estes suspiros,
D'alma que por ti anela:

Concede-me oh! doce fada
Da tua alma imaculada,
Uma lágrima d'amor

Uma lágrima suave
Como os gorjeios de uma ave
Como o aroma de uma flor.

Para que a minha alma amante
Possa fruir um instante
A luz do teu olhar;

Luz cerúlea... que dá vida,
A esta alma dolorida
Que nasceu para te amar.

Vai-Vem

A Hugo Dinis

Lá quando a noite ofusca
- Porque a luz se escondeu -
A abóbada do Céu
E o regaço do mar,
Minha alma vai em busca
- E que ninguém a veja... -
Dessa outra alma que seja
Sua gémea, seu par!

Lá quando a luz descerra
- Solto o cabelo loiro... -
A pálpebra cor-de-oiro
Véu de bendito olhar,
Minha alma desce à terra
- Só, resignada e calma -
Sem ter achado a alma
Sua gémea, seu par!

Devaneio

Chora o sol no poente
Lágrimas diamantinas
Iriadas, divinas
De luz doce, fulgente.

Sorri-se ao longe a lua
Astéria fulgurante,
Etéreo silfo errante
Que na amplidão flutua.

...

Como o sol no poente
Chora o meu coração,
Por ti meiga visão
Gotas de amor nascente...

E tu ris como a lua
A fulgir no Levante,
Oh! imagem constante
Que em minha alma flutua!

Parabéns

Ao atleta da trupe...

E os anos passam

E a Vida encurta...

Lá está o rouxinol salmeando idílios.
E as ternas Afeições como suaves lílios,
Brotam no coração. E ao som das melodias
Do alado cantor, abrem as Alegrias.
Tudo então é mais belo e doce e encantador,
Desde os hinos da ave, ao aroma da flor.
Tudo na mesma nota uma ideia traduz...
E o resplendente sol a encher-nos de luz!
E a brisa a murmurar - mais um ano passou
A... G... Adeus! Adeus! que eu vou,
Seguindo a voz do amor, oscular a Violeta
Que por ti vive e anseia! Adeus! Adeus! Atleta!

Uma obra apoiada pela Direção Regional de Cultura do Alentejo

